

## **A Bíblia e a Nossa Vida**

**Joachim Fischer**

O que a Bíblia tem a ver com a nossa vida? Tentaremos responder a essa pergunta num ambiente em que a Bíblia já está presente de várias maneiras. Indicarei alguns exemplos dessa presença, para caracterizar a situação e o contexto em que o assunto "A Bíblia e nossa vida" se enquadra.

1. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) a pregação do Evangelho é uma parte essencial dos cultos. Baseia-se geralmente num texto bíblico. Quer interpretar ou comunicar a mensagem bíblica para dentro da nossa situação. Quer possibilitar ou facilitar o encontro e o confronto dos ouvintes com a mensagem bíblica. Quer explicar nossa situação hoje, neste país, à luz da mensagem bíblica, para que nos possamos orientar em nossa jornada. Em todo caso, a mensagem bíblica é o ponto de referência em nossa pregação. Essa função da Bíblia é tida como tão importante que nossa Faculdade já editou quatro volumes de auxílios homiléticos ("Proclamar Libertação"). São explicações, reflexões e meditações sobre textos bíblicos.

2. No art. 2º da Constituição da IECLB encontramos a seguinte constatação: "É fundamento da IECLB o Evangelho de Jesus Cristo, na forma das Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamentos. Reconhecendo este fundamento, confessa a sua fé no Senhor da Universal, una, santa e apostólica Igreja". As Sagradas Escrituras são a forma em que nos é dado o Evangelho de Cristo; são, por assim dizer, o baú que contém o tesouro. Nesse sentido, a existência e a atividade da nossa Igreja baseiam-se na Bíblia. Dela nasce, sobretudo, a confissão da nossa fé em Cristo.

3. Nos últimos anos, a Igreja Católica Romana tem feito grandes esforços para divulgar a Bíblia e promover seu estudo. Às vezes, até parece chegar a reclamar a Palavra de Deus como patrimônio seu. A "Coleção Bíblica", publicada pelas Edições Paulinas, de Buenos Aires e São Paulo, tem a finalidade expressa de "tornar mais conhecido e estimado o grande patrimônio da Igreja

Católica, a Palavra de Deus”(1). Desde que o Concílio Vaticano II declarou ser “preciso que os fiéis tenham amplo acesso à Sagrada Escritura”(2), já não podemos mais dizer que nós somos a Igreja da Palavra e da Bíblia, enquanto a Igreja Católica seria a Igreja dos sacramentos, sobretudo da missa.

4. Na mesma Igreja Católica, a arquidiocese de Porto Alegre promoveu, nos últimos cinco anos, Semanas Bíblicas, “com a finalidade de divulgar o livro da Bíblia, sua leitura e despertar no povo cristão o desejo de possuir em casa o texto sagrado e usá-lo diariamente”(3). Constatou-se que são grandes as necessidades espirituais dos cristãos e não-cristãos, no que diz respeito à distribuição e ao conhecimento da Bíblia. Por isso, foi realizado em Porto Alegre, no ano passado, o 1º Mês da Bíblia. O lema foi “Busque na Bíblia”. A promoção parte da convicção de que “todos podemos buscar na Bíblia respostas para múltiplos problemas humanos, sociais, familiares e pessoais”. A Bíblia, pois, como fonte de respostas para nossos problemas – eis a função que se atribui a ela na evangelização do povo.

5. Aos domingos, o jornal “Correio do Povo” tem publicado, sob o título geral “Na Rota do Evangelho”, uma mensagem da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Afirma-se serem mensagens psicografadas por um médium. Embora o espiritismo, geralmente, não seja considerado como Igreja nem como cristão, é muito significativo que todas essas mensagens se apresentem como explicações de trechos bíblicos. Para o espiritismo, a Bíblia aparentemente é tão importante, pelo menos em nosso meio, que acredita não poder prescindir dela. Ou podemos considerar a Bíblia, neste caso, como instrumento da cristianização do espiritismo?

6. Recentemente a revista “Veja”(4) publicou uma entrevista com um físico, sob o título “A ciência e a Bíblia”. O entrevistado afirma não acreditar em Deus. Contudo, suas teorias científicas sobre o começo e o fim do mundo aproximam-se bastante das concepções teológicas da Bíblia. Nesse contexto, o cientista agnós-

---

1) Texto de capa. Alguns títulos da série são: “A Bíblia, Mensagem de Deus em Palavras Humanas”; “A Bíblia e as Últimas Descobertas”; “A Bíblia, Escola de Oração”; “Páginas Difíceis da Bíblia”; “Protestantismo e Bíblia”.

2) **Constituição Dogmática “Dei Verbum”** sobre a Revelação Divina, 22. Todo o 6º (último) capítulo desse documento trata da “Sagrada Escritura na Vida da Igreja”.

3) Zero Hora (Porto Alegre), 2 de julho de 1978.

4) Nº 517, de 2 de agosto de 1978, 3, 4 e 6.

tico leva a Bíblia tão a sério que chega a pensar numa "entidade" que eventualmente teria guiado o processo do aparecimento do homem na terra. Às vezes, pois, a Bíblia até é parceira e participante nas reflexões e conclusões dos cientistas, que vivem num mundo aparentemente tão racional.

Com os seis exemplos acima pretendo mostrar como a Bíblia está presente em nossa realidade: em nossa Igreja, em outras Igrejas, em outros grupos religiosos, entre não-cristãos. Talvez sua presença seja fraca, a nosso ver. Talvez sejamos da opinião de que, neste ou naquele caso, não se trate de um bom uso da Bíblia ou de que se trate de um abuso. Seja como for, porém, não podemos negar que a Bíblia é tomada em consideração nos mais diversos lugares e pelas mais diversas pessoas.

Dentro dessa situação surge a pergunta: Que importância tem a Bíblia para nossa vida? Que lugar ocupa em nossa vida? Como nos relacionamos com ela? Que efeitos ela tem? Como ela "funciona"?

Não pretendo analisar todos os aspectos que tais perguntas implicam. Concentrar-me-ei em alguns aspectos importantes. Meu ponto de partida são exemplos tirados da História da Igreja, exemplos estes que nos permitem – como espero – enxergar mais claramente algumas facetas do problema.

## I – A BÍBLIA: INSTRUMENTO DE UMA CONVERSÃO

O primeiro exemplo é tirado da vida do teólogo **Agostinho** (séculos IV-V). A ele uma determinada palavra bíblica deu, numa determinada situação, o impulso para uma decisão: escolheu novos valores, pelos quais se pudesse nortear; em consequência disso, mudou o rumo e o estilo de sua vida.

A mãe de Agostinho, que era cristã, implantou nele, em sua infância e juventude, a imagem de Cristo, como é apresentada pela Bíblia. Em outras palavras: a Bíblia entrou em sua vida pela educação cristã que recebeu em casa. Jamais se esqueceu por completo dessa herança. No entanto, durante bastante tempo seu saber a respeito do valor da Bíblia foi apenas teórico e intelectual. Muitas vezes colocou a mensagem prática da Bíblia em segundo ou terceiro plano. Tentou livrar-se de seu chamado. Sentiu-se incomodado por ela, atropelado em seus planos, abalado em sua segurança. Opinou que seu conteúdo não estava à altura dos pensamentos atuais de sua época. Mais tarde, já convertido, caracterizou sua atitude da seguinte maneira: "Decidi dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer. Mas eis que deparo com algo

encoberto para os soberbos... coberto de mistérios, e eu não era tal que pudesse entrar por ela... simplesmente me pareceu indigna de ser comparada com a majestade dos escritos de Túlio (Cícero). Meu orgulho recusava seu estilo, e minha mente não lhe penetrava o íntimo. Contudo, as Escrituras eram tais que haveriam de crescer com os pequenos; mas eu de nenhum modo queria ser criança, e, enfatuado de soberba, considerava-me grande.”(5).

A Bíblia só se abre ao humilde. Agostinho, porém, não era humilde. Por quê? Descobrira um outro caminho em que esperava encontrar a verdade última de sua existência, a auto-realização, a felicidade por que todos anelam. Queria ser famoso, admirado, rico. Visava o sucesso visível na vida. Sonhou com uma carreira brilhante na vida pública. Possuía todos os dons intelectuais necessários para isso. Da Bíblia não esperava nenhuma contribuição positiva para seus propósitos. Assim seu primeiro contato mais intensivo com a Bíblia resultou num fracasso. Posteriormente, Agostinho viu aqueles anos de sua vida como um “abismo de lodo”, “trevas de erro”, “escuridão”(6). Para seus contemporâneos, porém, tinha sido um homem bem sucedido: professor de retórica e, como tal, membro da elite da sociedade, uma carreira profissional que o levava de sua terra natal, o norte da África, para Roma, a cidade eterna, e finalmente para bem perto do centro de poder e decisão em Milão, a residência de um dos imperadores. Assumira inteiramente o estilo de vida da sociedade do Império Romano. Geralmente se sentira bem, pois sua vida era agradável, doce, acomodada. Não era sem religião. Filiara-se a uma das associações religiosas daquele tempo. Contudo, ficava longe da Bíblia, longe de Cristo, longe do Deus Pai do Novo Testamento. Parecia perdido para o cristianismo.

Apesar das excelentes perspectivas para seu futuro, Agostinho tinha momentos e horas de profunda depressão. “Tornei-me para mim mesmo um grande problema”, escreveu, mais tarde, na auto-análise de suas famosas “Confissões”(7). Sentiu “grandíssimo tédio de viver”; mas “ao mesmo tempo tinha medo de morrer”(8). Não conseguiu superar esse conflito de valores. Ficou preso às coisas puramente materiais, visíveis, terrestres. Depois de vários anos de “inquietação” interna(9), Agostinho teve mais um encontro com a Bíblia, sobretudo o Antigo Testamento. Anteriormente o

---

5) Agostinho: **As Confissões**. Trad. de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Biblioteca de Cultura Cristã, (São Paulo, 1961), III, 5, 9.

6) **Confissões** III, 11, 20.

7) **Confissões** IV, 4, 9.

8) **Confissões** IV, 6, 11.

9) **Confissões** VI, 3, 3.

tachara de absurdo; sua inteligência se recusava a aceitá-lo, por causa de suas supostas incoerências. Então, o famoso bispo Ambrósio, de Milão, lhe removeu os obstáculos intelectuais, ajudando dessa maneira a abrir-lhe o acesso a textos difíceis e facilitando-lhe sua compreensão.

Mesmo assim, Agostinho ainda não se decidiu definitivamente pelo cristianismo. Pouco a pouco, porém, perdeu sua desconfiança e resistência. Começou a pensar na possibilidade de encontrar a verdade última de sua existência na fé cristã. Ao mesmo tempo, houve uma aproximação pelo menos intelectual à Bíblia. Agostinho se convenceu de que é impossível "achar a verdade apenas pela razão". Compreendeu "que para isso nos é necessária a autoridade das Sagradas Escrituras". Deus mesmo quer ser criado e procurado por elas. A autoridade da Bíblia evidencia-se no fato de que ela serve a todos e fala a todos: "Pela clareza da linguagem, a humilde familiaridade do estilo, ela se abre a todos, e, no entanto, estimula a reflexão dos que não são levianos de coração."(10). A aproximação ao Antigo Testamento possibilitou depois também uma aproximação intelectual ao Novo Testamento sobretudo às cartas de Paulo. Dessa maneira, a Bíblia ganhou para Agostinho um valor superior ao de outros livros.

Faltava ainda um último passo. Agostinho não se podia decidir claramente quanto ao estilo de sua vida. Sua vontade estava dividida em duas. Queria agarrar-se unicamente em Deus: "Por que... hesitar em abandonar as esperanças do século, para me consagrar por inteiro à procura de Deus e da vida feliz?" Mas também queria continuar sua vida acomodada: "Os bens deste mundo também têm sua doçura, que não é pequena. Não devo abandoná-los às pressas... Eis-me prestes a conseguir um cargo. Que mais se pode desejar?... Poderei então casar-me com uma mulher de alguma fortuna, para que meus gastos não me sejam muito pesados: estes seriam os limites de meus desejos."(11) Foi um conflito interior gravíssimo: "... minhas duas vontades, a velha e a nova, a carnal e a espiritual, lutavam entre si, e, discordando, dilaceravam-me a alma."(12)

Foi uma palavra da Bíblia que provocou a decisão definitiva por uma vida cristã. Certo dia, Agostinho retirava-se para o jardim da casa em que se encontrava. Acompanhava-o seu amigo. Levaram consigo as cartas de Paulo. Depois de algum tempo de meditação,

---

10) **Confissões** VI, 5, 7s.

11) **Confissões** VI, 11, 19.

12) **Confissões** VIII, 5, 10.

Agostinho afastou-se do amigo; sentiu que seu conflito estava por se resolver. "Afastei-me para a sombra de uma figueira, e dei vazão às lágrimas, e dois rios brotaram de meus olhos... gemia e lamentava: 'Até quando? Até quando direi: amanhã, amanhã? Por que não hoje? Por que não pôr fim imediatamente às minhas torpezas?' Assim falava, e eu chorava com amarguíssima contrição de meu coração. Mas eis que ouço da casa vizinha uma voz, de menino ou menina, não sei, que dizia cantando, e repetiu muitas vezes: 'Toma e lê, toma e lê.' E logo... pus-me a procurar com toda a atenção em minhas lembranças se porventura havia alguma espécie de jogo em que as crianças costumassem cantar algo parecido, mas não me lembrava de ter ouvido nada semelhante... Uma só interpretação se me oferecia: a vontade divina mandava abrir o livro e ler o primeiro capítulo que encontrasse... voltei depressa para o lugar onde... eu deixara o livro do Apóstolo ao me levantar. Peguei-o, abri-o, e li em silêncio o primeiro capítulo que me caiu sob os olhos: Não caminheis em glotonarias e embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendas e emulações, mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos (Rm 13, 13 s). Não quis ler mais, nem era necessário, pois, quando cheguei ao fim da frase, uma espécie de luz de segurança se infiltrou em meu coração, dissipando todas as trevas da incerteza." (13)

O encontro de Agostinho com uma palavra da Bíblia num momento decisivo de sua vida teve um profundo sentido existencial e enormes conseqüências práticas. Agostinho não se converteu da incredulidade à fé. Converteu-se, porém, de uma vida mundana a uma vida verdadeiramente cristã (14), de uma fé apenas intelectual à fé integral. Renunciou aos seus planos mundanos e ao seu antigo sistema de valores. Abandonou os círculos em que vivera. A tudo isso contrapôs os novos valores espirituais. Decidiu-se por um novo estilo de vida. Não se retirou do mundo, embora estivesse inclinado a fazê-lo. Assumiu responsabilidade pública, mas de forma diferente: não como funcionário da administração estatal ou numa profissão que hoje seria chamada de liberal, e sim na Igreja.

13) *Confissões* VIII, 12, 28s.

14) Hans Freiherr von Campenhausen: *Lateinische Kirchenväter*, (Urban Bücher 50), (Stuttgart, 1960), pág. 164. No mesmo sentido se manifesta Karl Holl: *Augustins Innere Entwicklung*. Em: *Gesammelte Aufsätze zur Kirchengeschichte*, vol. 3: *Der Westen*. (Darmstadt, 1965), pág. 65. O teólogo católico Karl Adam, no entanto, caracteriza a conversão de Agostinho como "conversão ao cristianismo católico": "Pois Agostinho não queria ser nada, senão um cristão católico autêntico." (*Die geistige Entwicklung des Heiligen Augustinus*. (Libelli 14). (Darmstadt, 1954), pág. 21; a tradução é minha).

Agostinho é um exemplo, uma possibilidade de como uma pessoa se relaciona com a Bíblia. Naturalmente, não é a única possibilidade. Do exemplo de Agostinho não podemos deduzir leis ou regras fixas, como se a Bíblia sempre e em todas as circunstâncias tivesse que ter o significado que teve para ele. Outras pessoas fazem suas experiências com a Bíblia, em formas diferentes. No entanto, no exemplo de Agostinho pelo menos podemos enxergar diversos aspectos importantes da influência que a Bíblia pode ter sobre nossa vida.

## II – A BÍBLIA: INSTRUMENTO DE UMA TRANSFORMAÇÃO

Meu segundo exemplo é tirado da vida do reformador Martinho Lutero. A partir de uma determinada palavra bíblica, ele reconheceu, compreendeu e experimentou como Deus se relaciona conosco. A experiência bíblica levou a profundas transformações na Igreja, na ordem política e social e na cultura. A Bíblia evidenciou-se, neste caso, como uma espécie de catalisador de uma reestruturação abrangente de toda a sociedade, reestruturação esta sentida por muitos como uma verdadeira ruptura revolucionária.

Para Lutero, em sua infância e juventude, a Bíblia era um livro desconhecido. A religiosidade do povo daquela época girava em torno da missa, de promessas, romarias, relíquias, indulgências, santos, mas não em torno da Bíblia. A teologia era essencialmente teologia dogmática, não teologia bíblica. Naturalmente, o povo conhecia textos sagrados, a saber, os que eram lidos nas missas ou que se encontravam em livros de devoção. Lutero supunha que não haveria outro evangelho ou outra epístola, além desses textos, como confessou mais tarde: "Há trinta anos (isto é, no início do século XVI) ninguém lia a Bíblia; ela era desconhecida a todos. Os profetas eram desconhecidos e incompreensíveis. Eu, por exemplo, quando tinha 20 anos, ainda não tinha visto uma Bíblia. Achava que não havia evangelho nem epístola, além dos que se encontravam nas postilas para os domingos."(15)

Somente como estudante universitário Lutero viu pela primeira vez uma Bíblia inteira. Admirou-se muito, porque encontrou nela coisas, das quais nunca ouvira falar antes. Foi apenas um encontro curto e passageiro. Mas foi o suficiente para despertar nele o desejo de possuir o livro: "Como jovem estudante em Erfurt vi a Bíblia na biblioteca da universidade e li um trecho no livro de Samuel. Mas

---

15) WA TR 3, 598 (latim)/599 (alemão), nº 3767, de fevereiro de 1538. Lutero é citado conforme a edição de Weimar (em alemão: Weimarer Ausgabe = WA). TR significa "Tischreden" (= conversações à mesa).

tocou a campainha para anunciar o início da aula. Tive muita vontade de ler o livro inteiro. Contudo, naquela vez não houve oportunidade para isso.”(16)

O encontro muito intensivo de Lutero com a Bíblia aconteceu a partir de 1505. No 21º ano de sua vida entrou no convento, renunciando a uma carreira profissional profana, para cuidar de sua salvação no caminho mais seguro que a Igreja do fim da Idade Média conhecia. A regra de sua ordem religiosa, a Ordem dos Eremitas Agostinianos, prescrevia como uma das tarefas mais importantes a leitura intensiva diária da Bíblia (17). “Os monges lhe deram uma Bíblia, encadernada em couro vermelho. Com ela se familiarizou tanto que sabia o que estava escrito em cada página. Quando se citava um versículo, logo à primeira vista sabia onde se encontrava.”(18) Sobre isso escreve o famoso historiador católico Joseph Lortz, que abriu aos católicos uma nova perspectiva, positiva, da Reforma protestante, em sua excelente obra sobre a Reforma na Alemanha: “Aí iniciou-se a relação matrimonial de uma pessoa com o Livro dos Livros, uma relação tão intensiva como raramente existe. Aí Lutero lançou as bases de seu conhecimento admirável do texto da Bíblia.”(19)

A Bíblia ocupava, de novo, o primeiro lugar em sua vida, quando, depois da ordenação sacerdotal, começou a estudar teologia, embora a dogmática, na época, fosse considerada a coroação de todo o trabalho teológico. No curso de teologia, Lutero freqüentou aulas sobre o Antigo e o Novo Testamento. Estudou uma série de comentários exegéticos científicos de seu tempo(20). Adquiriu também, como era costume, o grau de bacharel bíblico(21). Mais tarde, disse a respeito daqueles anos: “Naquela época não gostei de nenhum outro estudo, senão o da Sagrada Escritura. Quando, muito a contragosto, li a física (de Aristóteles), ardia meu coração quando chegou o momento de voltar à Bíblia... Li a Bíblia intensivamente; em cada dia um versículo importante predominava em meus pensamentos; sobretudo nos profetas mais importantes houve tais versículos, dos quais me lembro até hoje, embora (ainda) não tenha podido entendê-los.”(22)

16) WA TR 5, 75, nº 5346, do verão de 1540.

17) Heinrich Böhmer: **Der junge Luther**. Mit einem Nachwort von Heinrich Bornkamm. (Leipzig, 4ª ed., 1951), pág. 43.

18) WA TR 1, 44, nº 116, de novembro de 1531.

19) **Die Reformation in Deutschland**. (Freiburg, 3ª ed., 1949), vol. 1, pág. 160.

20) Heinrich Fausel: **D. Martin Luther. Der Reformator im Kampf um Evangelium und Kirche. Sein Werden und Wirken im Spiegel eigener Zeugnisse**. (Stuttgart, 1955), pág. 22.

21) Böhmer, *op.cit.* pág. 54

22) WA TR 1, 44s., nº 116, de novembro de 1531.

Em 1512, com a idade de quase 28 anos, Lutero adquiriu o grau de doutor em teologia na Universidade de Wittenberg. Na solenidade do doutoramento, foi entregue a Lutero um exemplar da Bíblia, primeiramente fechado, depois aberto. O ato simbólico quis dizer: Lutero devia proteger a Sagrada Escritura contra qualquer profanação por parte de blasfemadores, mantendo-a fechada diante deles; mas sempre devia submeter-se à autoridade da Escritura aberta(23). De fato, Lutero fez isso durante o resto de sua vida. Assumiu na universidade a "Lectura in Biblia", a cadeira de exegese da Bíblia. Até o fim de sua vida, lecionou exegese e teologia bíblica, num total de 16 cursos, às vezes com duração de mais de um semestre, sobre 13 livros bíblicos(24). A cadeira bíblica tornou-se "seu destino" e colocou a cidadezinha de Wittenberg "no centro do interesse mundial", como escreve o historiador católico Erwin Iserloh, discípulo de Lortz(25).

Como professor universitário para a exegese da Bíblia, Lutero teve a experiência que revolucionou sua teologia, sua religião, a Igreja e a sociedade de sua época. Quase no fim de sua vida, descreveu-a da seguinte maneira: "Eu fora comovido por um ardor, certamente maravilhoso, de entender Paulo na Epístola aos Romanos. Mas até então houvera um obstáculo; não se tratava do sangue frio no peito (intelectualismo puro), e, sim de uma única palavra no capítulo 1º: A justiça de Deus se revela nele (no Evangelho). Odiara aquela palavra 'justiça de Deus'. Fora instruído a entendê-la, conforme o uso e o costume de todos os doutores (da Igreja), no sentido filosófico, como... a justiça, conforme a qual Deus é justo, castigando os pecadores e injustos. Eu, que como monge vivia uma vida irrepreensível, senti que diante de Deus era um pecador com uma consciência inquietíssima... Não amava esse Deus...; ao contrário, odiava-o. Estava indignado com Deus... estava furioso (contra Deus), com minha consciência zangada e perturbada. Apesar disso, bati-me duramente com Paulo a respeito daquele trecho, querendo ardentemente saber o que São Paulo queria dizer. Finalmente, meditando dias e noites, guiado pela misericórdia de Deus, reparei no contexto das palavras: A justiça de Deus se revela nele (no Evangelho), como está escrito: O justo vive por fé. Então comecei a entender a justiça de Deus como... dádiva... e comecei a

---

23) Fausel op.cit. pág. 38.

24) Gênesis; Salmos; Isaías; profetas menores; Cantares; Eclesiastes; Romanos; Gálatas; 1 João; 1 Timóteo; Tito e Filemon; Hebreus (Böhmer op.cit. pág. 105).

25) Erwin Iserloh - Josef Glazik - Hubert Jedin: *Reformation, Katholische Reform und Gegenreformation*. Handbuch der Kirchengeschichte, ed. por Hubert Jedin, vol. 4, (Freiburg-Basiléia-Viena, 1967), pág. 22.

compreender o sentido daquele trecho: através do Evangelho se revela a justiça de Deus..., através da qual o misericordioso Deus nos justifica pela fé... Então me senti totalmente renascido e como se tivesse entrado no próprio paraíso, por portas bem abertas. Toda a Escritura se me apresentou numa luz diferente... Quão profundo fora o ódio com que anteriormente odiara a palavra 'justiça de Deus', tão profundo era agora o amor com que elogiei a palavra, como a mais doce para mim. Desta maneira, esse trecho de Paulo tornou-se para mim, realmente, a porta do paraíso."(26).

Desse encontro de Lutero com uma das palavras-chaves da Carta aos Romanos nasceu a ala luterana da Reforma protestante. À primeira vista, parece tratar-se de uma descoberta exegética: Lutero descobriu o sentido certo de um termo bíblico. Na verdade, porém, foi um encontro bem pessoal e existencial com o próprio Evangelho, cuja essência se concentrou, para Lutero, naquele termo. Mais ainda: o próprio Deus estava em jogo, o relacionamento dele com o homem. Quando Lutero bateu insistentemente à porta da Bíblia, abriu-se-lhe o acesso a Deus que é todo ele, misericórdia e amor, e que justifica e aceita incondicionalmente o pecador. A Bíblia mostrou a Lutero esse Deus.

### III – A BÍBLIA: INSTRUMENTO DA EVANGELIZAÇÃO

O terceiro exemplo refere-se à Bíblia no Brasil. Apresento uma tese provisória, que surgiu de uma comparação do protestantismo com o catolicismo brasileiro. Eduardo Hoornaert, na nova História Geral da Igreja na América Latina, escreve que "o Brasil católico nasceu sob o signo das irmandades ou confrarias, também chamadas ordens terceiras"(27). Talvez possamos dizer que o Brasil protestante, em boa parte, nasceu sob o signo das Sociedade Bíblicas.

No enorme império português pouco foi feito para traduzir a Bíblia para o português, possibilitando assim ao povo o acesso direto às Sagradas Escrituras. Especialistas em literatura portuguesa afirmam que essa "é desesperadoramente pobre quanto a traduções da Bíblia"(28). Em Portugal e em suas colônias a Bíblia não

26) WA 54, 185 s. (prefácio ao 1º volume das obras latinas da edição de Wittenberg, 1545).

27) Eduardo Hoornaert – Riolando Azzi – Klaus van der Grijp – Benno Brod: **História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo**. Primeira Época. História Geral da Igreja na América Latina 2. (Petrópolis, 1977), pág. 383.

28) Carolina Michaelis de Vasconcelos, num artigo sobre a Bíblia portuguesa, publicado em francês, em 1899: citado por Hans Wendt: **Die portugiesische Bibelübersetzung, ihre Geschichte und ihre Aufgaben mit besonderer Berücksichtigung des Alten Testaments**. Tese

foi um livro popular(29). Ainda hoje podem ser encontrados erros, dos mais grosseiros, a respeito das traduções portuguesas da Bíblia em geral e do tradutor João Ferreira de Almeida. O motivo, aparentemente, é que a Bíblia não foi considerada como digna de estudos mais precisos e detalhados.

João Ferreira de Almeida(30) traduziu a Bíblia para o português por meados do século XVII na Indonésia, com exceção dos profetas menores, cuja tradução não conseguiu mais terminar; a tradução foi concluída pelos missionários Dal e Walther, da Missão Dinamarquesa na Índia. Inicialmente houve apenas cópias dessa tradução, escritas à mão; foram usadas pelos que falavam português na Ásia, principalmente nas colônias holandesas. A tradução do Novo Testamento foi impressa pela primeira vez em 1681, na Holanda. O Antigo Testamento foi publicado em meados do século XVIII na Índia. Toda a Bíblia, na tradução de Almeida, foi impressa pela primeira vez na Indonésia. A primeira edição, num único volume, apareceu em 1819, em Londres. Depois foi impressa, durante mais de 100 anos, em Londres, Nova Iorque e Lisboa. Em 1942 ou 1944 foi impressa pela primeira vez no Brasil, em São Paulo, por iniciativa de batistas(31).

A outra tradução bem conhecida é a do monge oratoriano Antônio Pereira de Figueiredo(32). Traduziu a Bíblia a partir do texto oficial da Igreja Católica, que é a versão latina. A tradução foi publicada em primeira edição pelos fins do século XVIII, em Lisboa. A primeira edição num único volume data de 1821 e foi feita por uma Sociedade Bíblica protestante. No Brasil foi publicada pela primeira vez em 1864. A Bíblia, na tradução de Figueiredo, foi editada pelos católicos em Lisboa, Rio de Janeiro e São Paulo, pelos protestantes em Londres e Nova Iorque, mais tarde também no Rio de Janeiro(33).

De onde a Bíblia chegou ao Brasil? Durante um longo período, os principais fornecedores foram as Sociedades Bíblicas de Londres e de Nova Iorque. Em 1856 e 1878, respectivamente,

---

de Doutorado, (Heidelberg, 1962), pág. 105; cf. também Benedito de Paula Bittencourt: *O Novo Testamento. Cânon - Língua - Texto*. (São Paulo, 1965), pág. 207.

29) Wendt, op.cit., pág. 95.

30) Sobre ele v., além dos trabalhos de Wendt (anot. 28 e 31), Bittencourt, op.cit., pág. 207-217.

31) Hans Wendt: *Die Bibel in Brasilien*. Em: *Brückenschlag. Berichte aus den Arbeitsgebieten des Kirchlichen Aussenamtes der Evangelischen Kirche in Deutschland*, vol. 1: *Brasilien*. (Stuttgart, 1966), pág. 108 a.; Bittencourt, op.cit. - Bittencourt indica 1942 como data da primeira edição brasileira, Wendt 1944.

32) Sobre ele v. Bittencourt, pág. 217-222.

33) Wendt, *Die Bibel*, pág. 109; Bittencourt, op.cit.

chegaram a instalar no Rio de Janeiro representações permanentes. Distribuíram ou venderam a maior parte dos mais de 7 milhões de Bíblias e partes da Bíblia que chegaram ao país entre 1822 e 1936, através dos evangélicos(34). Em 1948 foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil, com sede no Rio de Janeiro(35), que, por assim dizer, "indigenizou" o fornecimento de Bíblias.

Como a Bíblia chegou ao Brasil? A primeira chegada da Bíblia portuguesa foi o resultado de um ato de violência. No início do século XVIII chegou, de certa feita, ao Rio de Janeiro um navio inglês, fretado pela Companhia das Índias Orientais, da Holanda, para levar à Índia, entre outras coisas, 250 exemplares do Evangelho de Mateus em língua portuguesa(36). Justamente naqueles dias os franceses atacaram o Rio de Janeiro, queimaram os navios portugueses, confiscaram o navio inglês e roubaram sua carga. Os 250 exemplares de Mateus foram esquecidos no Rio. Foram as primeiras partes da Bíblia em língua portuguesa, que entraram no país. Contudo, foi apenas um episódio isolado sem conseqüências(37).

Em toda a época colonial o número de Bíblias no Brasil deve ter sido reduzidíssimo. A grande maioria dos padres católicos aparentemente nem possuía uma Bíblia. Onde houve uma Bíblia, deve ter sido a Bíblia latina, desde o Concílio de Trento (século XVI) o texto oficial da Igreja Católica(38). O povo praticamente não conhecia a Bíblia como tal; conhecia no máximo, os textos litúrgicos(39).

A situação mudou profundamente no século XIX. Houve mudanças nos mais diversos setores da vida. A sociedade abriu-se para idéias e tendências novas, diferentes das tradicionais. O liberalismo tornou-se uma força de grande influência. Dentro dessa conjuntura política, econômica e sócio-cultural, nasceu e cresceu também o interesse pela leitura da Bíblia(40). Várias correntes e

34) Wendt, *Die Bibel*, pág. 107s. Conforme Wendt faltam dados sobre a distribuição da Bíblia pelos católicos.

35) Wendt, *Die Bibel*, pág. 111.

36) Bittencourt (pág. 214s.) nos informa que em 1712 foi impressa, em Amsterdam, a terceira edição do Novo Testamento de Almeida, "sob os auspícios da Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão", da Inglaterra, "e para uso da Missão Dinamarquesa de Tranquebar. O Evangelho de Mateus foi publicado antes, separadamente, em 1711." Os exemplares que chegaram ao Rio de Janeiro, certamente pertenceram a essa edição em separado, de Mateus.

37) Wendt, *Die Bibel*, pág. 107.

38) *Documentos Pontifícios 95*, (Petrópolis - Rio de Janeiro - São Paulo, 1953), pág. 5.

39) Na nova História Geral da Igreja na América Latina (v. anot. 27), no tomo 2 sobre o Brasil Colonial, não constam, no índice analítico, os termos "Bíblia" e "Sagrada Escritura".

40) Klaus van der Grijp: *História do Protestantismo Brasileiro* (mimeografado), (São Leopoldo, 1976), pág. 5.

círculos dentro da Igreja Católica, inclusive sacerdotes, promoveram o estudo da Bíblia. Certos grupos usaram livros teológicos, provenientes da França, que destacaram a importância do "amor às Escrituras, como base primordial da fé e da vida religiosa"(41). Outros opuseram-se a essa abertura. A recomendação da leitura diária da Bíblia até foi tachada de "falsa, injuriosa à Igreja, e contrária a seus usos"(42). Em geral, porém, o clima espiritual da época favoreceu a divulgação da Bíblia. Um missionário protestante, distribuidor incansável da Bíblia, achava que, pelas circunstâncias, o próprio "povo" seria "forçosamente levado a apreciar a Bíblia"(43). De fato, existiram, "ao lado de muitas superstições" e "de fortes tendências ao animismo e ao iluminismo", formas "de piedade popular autônoma" com "uma forte base bíblica"(44).

Nessa situação, a Bíblia entrou juntamente com os imigrantes, sobretudo os evangélicos alemães, e pelo trabalho das Sociedades Bíblicas. Não raras vezes, os imigrantes trouxeram da Alemanha suas Bíblias, em língua alemã, na tradução clássica de Martinho Lutero(45). Essas Bíblias, naturalmente, não serviram para evangelizar o ambiente em que os imigrantes se estabeleceram. Para os próprios colonos imigrantes, porém, eram mais importantes do que haviam sido na Alemanha. Constituíram uma espécie de alimento espiritual, frequentemente – sob as condições existentes naquela época – o principal ao seu alcance. Por não poderem participar sempre dos cultos na igreja, realizaram seus cultos nas casas. Os cultos consistiram basicamente de leituras bíblicas e cantos. Sobre esse aspecto da vida dos primeiros imigrantes, temos um valioso depoimento na carta que um dos primeiros pastores da nossa Igreja, Karl Leopold Voges, de Três Forquilhas, dirigiu à Sociedade Bíblica de Londres, no início de 1827:

"Nos corações de todos os alemães, protestantes e católicos, se faz sentir penosamente a falta de livros de edificação espiritual; e nas famílias que possuem uma Bíblia, as Sagradas Escrituras são lidas muito mais, e atribui-se-lhes um valor muito maior do que na Alemanha. O pai de família que possui uma Bíblia, lê aos seus familiares um capítulo da Sagrada Escritura, aos domingos e feriados, e eles cantam alguns hinos que aprenderam em sua

41) Émile-G. Léonard: *O Protestantismo Brasileiro. Estudo de Eclesiologia e História Social*. Trad. de Linneu de Camargo Schützer. (São Paulo, s.d. 1963), pág. 38.

42) Citado por Léonard, *op.cit.*, pág. 38.

43) Observação do missionário metodista norte-americano Daniel P. Kidder, citada por Léonard, *op.cit.*, pág. 33.

44) Léonard, *op.cit.*, pág. 85.

45) Wendt, *Die Bibel*, pág. 112s.

juventude, ou hinos de edificação espiritual que as crianças aprendem na escola. Nisso consiste seu culto. ... dessa maneira a religião de Jesus se alastra, mesmo em face aos maiores obstáculos."(46)

Dada a importância da Bíblia para a vida de fé dos imigrantes, seus pastores cuidaram de sua distribuição ou venda entre seus paroquianos. Conseguiram Bíblias ou partes dela (Novo Testamentos, por exemplo) das Sociedades Bíblicas, que lhes ofereceram seus serviços. Assim, pastores dos imigrantes tornaram-se praticamente agentes das Sociedades em suas respectivas paróquias. Isso fica claro a partir da carta supracitada do pastor Voges:

"Recebi corretamente sua estimada carta de 27 de janeiro de 1826 e a fatura referente a 100 Bíblias e 250 Novos Testamentos encadernados, que a mui respeitável Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira se tem dignado a fornecer, para o bem da comunidade evangélica alemã de São Leopoldo, e que foram enviados via Rio de Janeiro ao sr. M. Kay... Vossa Excelência e a mui respeitável Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira se dignam a me oferecer um número maior de Bíblias para as comunidades alemãs no Brasil, se delas precise. Por isso faço uso da oferta benévola, pedindo mais 800 Bíblias e 800 Novos Testamentos, dos quais muito necessito para a divulgação da religião cristã, para poder suprir cada família com uma Bíblia ou com um Novo Testamento... Vossa Excelência e a mui respeitável Sociedade Bíblica querem também saber, se há membros da comunidade alemã que possam pagar uma certa quantia por uma Bíblia ou por um Novo Testamento, ou se não há (tais membros). Comunico a Vossa Excelência e à mui respeitável Sociedade que a grande maioria dos colonos pode pagar uma certa quantia por uma Bíblia ou um Novo Testamento. Peço remeter logo várias Bíblias."

No que diz respeito à distribuição da Bíblia em língua portuguesa, os métodos de trabalho das Sociedades Bíblicas inicialmente pareciam muito primitivos. Às vezes, entregaram caixas com Bíblias ou partes dela a comerciantes viajantes ou capitães de navios. Esses "agentes bíblicos auxiliares" colocaram os livros à disposição dos interessados ou deixaram as caixas abertas nos portos ou nas alfândegas(47). Geralmente, porém, as Sociedades Bíblicas tinham representantes e agentes que levaram as Bíblias às

---

46) Original da carta, redigido em alemão, no arquivo da British and Foreign Bible Society. Tive a oportunidade de ler uma fotocópia da carta, graças à gentileza do meu colega Dr. Duncan A. Reily, da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em Rudge Ramos SP. A tradução é minha.

47) Léonard, op.cit. pág. 42; Wendt, *Die Bibel*, 107.

peessoas. Assim, o já mencionado pastor Voges saiu do círculo de sua comunidade de imigrantes alemães para iniciar uma espécie de missão bíblica entre brasileiros católicos. Escreveu à Sociedade Bíblica de Londres:

“Sobretudo peço (remeter) 200 Novos Testamentos em língua portuguesa, para acender a luz verdadeira da Sagrada Escritura também aos pobres portugueses. Pois nas cadeiras dos apóstolos e profetas estão sentados líderes cegos, que não possuem a maneira de pensar dos apóstolos. Entre a grande maioria dos sacerdotes no Brasil raras vezes se encontra um Novo Testamento e muito menos ainda uma Bíblia inteira. Entre os leigos não há nem um Novo Testamento nem uma Bíblia inteira, só um rosário, mas muito mais ignorância e superstição”.

O canal principal, pelo qual a Bíblia entrou no país, foram pastores e missionários que vieram sobretudo dos Estados Unidos. Quando os metodistas, na década de 30 do século passado, fizeram a primeira tentativa de começar um trabalho sistemático de evangelização, o missionário Kidder constatou logo que o Brasil não estava preparado para os métodos missionários e evangelísticos que se desenvolveram nos Estados Unidos. Resolveu, então, dedicar-se à distribuição da Bíblia. Escolheu a tradução de Figueiredo, aprovada pela Igreja Católica, para evitar dificuldades e resistências por parte da hierarquia do país católico. Trabalhou incansavelmente e com grande sucesso. Em diversos lugares até foi apoiado por padres católicos e autoridades civis(48). Seus melhores fregueses foram, como parece, professores(49).

O trabalho de Kidder e dos metodistas parou depois de poucos anos. Continuou o trabalho das Sociedades Bíblicas, embora em proporções modestas. Mais tarde, as Sociedades intensificaram seus esforços de novo, deram-lhe um cunho mais sistemático e, como já foi frisado, instalaram agências permanentes. Foi justamente a partir desses empreendimentos que surgiram novas missões e congregações protestantes, como a dos congregacionais, na década de 50 do século XIX(50).

Os distribuidores da Bíblia fizeram experiências diversas. Às vezes sua atividade foi encarada com simpatia ou até ativamente apoiada por católicos, inclusive padres, e autoridades civis. Outras vezes, no entanto, foi dificultada ou até impossibilitada. Em alguns

---

48) Léonard, op.cit., pág. 36.

49) Léonard, op. cit., pág. 42-44; van der Grijp, op. cit., pág. 7s.

50) Léonard, op.cit., pág. 49ss.; van der Grijp, op.cit., pág. 8s.

casos houves reações mais violentas(51). Contudo, os incidentes locais não podiam deter o curso da história em direção à plena liberdade religiosa.

Como a Bíblia evangelizou as pessoas? Não foram, como parece, tão raros os casos de "conversões individuais", em que pessoas se tornaram protestantes pela simples leitura da Bíblia. Também houve os "nascimentos espontâneos" de comunidades, casos em que em torno de Bíblias se reuniram comunidades, sem qualquer participação de pastores ou missionários(52). No entanto, em geral os distribuidores da Bíblia compartilharam a convicção de Kalley, o fundador da Igreja Evangélica Fluminense, congregacional, no Rio de Janeiro, de que era "insuficiente a simples distribuição" da Bíblia(53). O famoso "juseu errante", Salomão Ginsburg, pastor batista, formulou o princípio de que "o plano apostólico de evangelizar um lugar era ficar ali até organizar uma igreja" (comunidade)(54). Em outras palavras: na verdadeira evangelização as pessoas precisam do contato com a Bíblia, bem como do contato com o pregador ou missionário. Assim, a Bíblia torna-se instrumento de evangelização.

Os protestantes, desde a época da Reforma, sempre investiram muitos esforços e meios no trabalho educacional. Em suas escolas não se limitaram a educar a juventude no espírito do Evangelho. Incluíram também em seus programas de estudo o ensino bíblico. Parece que outros educandários raramente ofereceram essas oportunidades(55). Em geral, o ensino bíblico foi uma característica das escolas protestantes. Através dele, muitos jovens – não apenas protestantes – familiarizaram-se com a Bíblia. Um deles foi Erico Veríssimo que escreve em suas memórias "Solo de Clarineta": "A Bíblia era ensinada em classe no Cruzeiro do Sul (colégio dos episcopais em Porto Alegre) e a nota que tirávamos nessa matéria era computada como parcela para calcular-se a média geral. Num exame final das Sagradas Escrituras ganhei a nota máxima, porque transformei a conversão de Saulo num conto literário em que reproduzi as paisagens da Ásia Menor e da Grécia,

---

51) Boanerges Ribeiro: **Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888). Aspectos Culturais da Aceitação do Protestantismo no Brasil**. Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros. (São Paulo, 1973), pág. 116-122. – Muito ilustrativo neste sentido é Salomão Ginsburg: **Um Judeu Errante no Brasil** (Autobiografia). Trad. de Manoel Avelino de Souza. (Rio de Janeiro, 2ª ed., 1970).

52) Léonard, op.cit., pág. 87s. Outros casos são relatados por Ginsburg, op.cit., pág. 102-106 e 234s.).

53) Léonard, op.cit., pág. 50.

54) Op.cit. pág. 51s.

55) Van der Grijp (op.cit., pág. 5) menciona o famoso Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

atribuindo pensamentos e sentimentos ao apóstolo – tudo isso arbitrariamente.”(56) É verdade que tal ensino não conseguiu transformar todos os alunos em cristãos praticantes. Para a maioria talvez tenha sido apenas uma matéria entre outras, uma espécie de presença cultural da Bíblia. Mas sua presença cultural não é melhor do que sua ausência?

Parece que nas últimas décadas, principalmente depois da fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (1948), a divulgação da Bíblia aumentou consideravelmente. Encontrei a cifra impressionante de 30 milhões de Bíblias, Novos Testamentos e partes da Bíblia que teriam sido distribuídas em apenas 15 anos, de 1948 até 1963(57). É significativo o grande número de Escolas e Institutos Bíblicos que surgiram nos últimos tempos. A Igreja Católica esforça-se muito para possibilitar e facilitar ao povo o acesso à Bíblia.

Acho que também nós, em última análise, não podemos fazer outra coisa. Se queremos ser Igreja de Jesus Cristo no Brasil, isto é, uma Igreja que fala e atua, precisaremos da Bíblia como base, ponto de partida e diretriz. Pois ela é a Palavra de Deus em palavras humanas. O encontro com a Palavra de Deus é decisivo para nossa vida.

---

56) Solo de Clarinete. Memórias. 1º Volume. (Porto Alegre, 10ª ed., 1976), pág. 134.

57) Wendt, Die Bibel, pág. 111s.